



HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIA NO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA COM A PLATAFORMA *PIXTON*

Josias Silvano de Barros
Instituto Federal da Paraíba, Esperança, PB,
Brasil
<josias.barros@ifpb.edu.br>

Josias Silvano de Barros
Carlos Eduardo de Araújo Silva

Carlos Eduardo de Araújo Silva
Universidade Federal de Campina Grande,
Campina Grande, PB, Brasil
<eduardo.carlos@academico.ifpb.edu.br>

Resumo

A composição de diálogos entre conhecimentos acadêmicos e saberes escolares, assim como teoria praticada e prática teorizada, é uma preocupação recorrente no campo investigativo-formativo que baliza a formação de professores. Diante de tal envergadura, o objetivo deste texto é apresentar os resultados de uma experiência de formação docente em Geografia mobilizada com Histórias em Quadrinhos (HQs) a partir da plataforma *Pixton*. O estudo se inscreve no âmbito da pesquisa qualitativa em Educação, mediante as análises emergidas da ação formativa, via oficina com professores em formação no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). Os resultados evidenciam que os quadrinhos se constituem como literatura e recurso comunicativo de potencialidade discursivo-imagética para o ensino de Geografia. As possibilidades das HQs na formação de professores de Geografia contemplam proposições de planejamento de ensino que podem ser tomadas tanto como processos quanto produtos educativos em Educação Geográfica.

Recebido em: 08/02/2024
Aprovado em: 08/05/2024

Palavras-chave: Formação de professores de geografia. Pibid. Histórias em quadrinhos. Educação geográfica.

**CÓMICS Y FORMACIÓN DE PROFESORES DE GEOGRAFÍA:
EXPERIENCIA EN EL PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BECAS
DE INICIACIÓN A LA DOCENCIA CON LA PLATAFORMA
PIXTON**

Resumen

La composición de diálogos entre saberes académicos y saberes escolares, así como entre teoría practicada y práctica teorizada, es una preocupación recurrente en el campo de la formación investigativa y formativa que orienta la formación docente. Ante este alcance, el recto de este texto es presentar los resultados de una experiencia de formación docente en Geografía movilizada con Cómics (Comics) a través de la plataforma *Pixton*. El estudio se inscribe en el ámbito de la investigación cualitativa en Educación, a través de los análisis surgidos de la acción formativa, a través de un taller con docentes en formación en el contexto del Programa Institucional de Becas de Iniciación a la Docencia (Pibid). Los resultados muestran que el cómic constituye literatura y un recurso comunicativo con potencial de imaginaria discursiva para la enseñanza de la Geografía. Las posibilidades del cómic en la formación del profesorado de Geografía incluyen propuestas de planificación docente que pueden ser tomadas tanto como procesos como productos educativos en la Educación Geográfica.

Palabras clave: Formación de profesores de geografía. Pibid. Cómics. Educación geográfica.

**COMIC STORIES AND GEOGRAPHY TEACHER TRAINING:
EXPERIENCE IN THE INSTITUTIONAL TEACHING INITIATION
SCHOLARSHIP PROGRAM WITH THE PIXTON PLATFORM**

Abstract

The composition of dialogues between academic knowledge and school wisdoms, as well as practiced theory and theorized, is a recurring concern in the investigate-training field that guides teacher training. Given this scope, the objective of this text is to present the results of a teaching training experience in Geography mobilized with Comics stories (Comics) from the Pixton platform. The study falls within the scope of qualitative research in Education, through the analyzes emerging from the training action, via a workshop with teachers in training in the context of the Institutional Teaching Initiation Scholarship Program (Pibid). The results show that comics constitute literature and communicative resource with discursive-imagery potential for Geography teaching. The possibilities of comics in the training of Geography teachers include teaching planning propositions that can be taken, both as processes and educational products in Geographic Education.

Keywords: Geography teacher training. Pibid. Comics stories. Geographic education.

Introdução

Quando se pensa na formação inicial de professores, umas das inquietações mais recorrentes que aparece como cenário principal das pesquisas é a questão da dificuldade de aproximar os conhecimentos acadêmicos dos saberes escolares, bem como a teoria estudada na universidade com a prática vivenciada no cotidiano da sala de aula. A ótica hierarquizada com a qual historicamente temos visto a academia em relação à escola é uma das causas geradoras não apenas deste, mas de muitos outros dilemas que se encontram incrustados na formação inicial e continuada dos professores, o que inclui a formação docente em Geografia.

Em algumas práticas formativas docentes ainda persiste a visão reducionista do ensino como transmissão de conteúdo. Isso se pauta na ideia de “transposição didática”, concebida pelo pesquisador francês Yves Chevallard, mediante o entendimento de que

[...] A escola é um lugar de recepção e de reprodução do conhecimento externo, variando sua eficiência pela maior ou menor capacidade de “transpô-lo” e reproduzi-lo adequadamente. A figura do professor aparece então como um intermediário desse processo de reprodução, cujo grau de eficiência é medido pela capacidade de gerenciamento das condições de adaptação do conhecimento científico ao meio escolar. (Bittencourt, 2011, p. 37).

De tal forma, a academia seria o único local de produção de conhecimento e a escola seria configurada apenas como um lugar no qual haveria a reprodução de maneira simplificada, é o que também alertam Bourdieu e Passeron (2014). Sendo assim, ao papel do professor competiria a vulgarização dos conhecimentos científicos, levando-os para os estudantes de forma de transposição didática, de transmissibilidade, de natureza mnemônica. Nesse sentido, o aluno se tornaria um mero receptor de informações e a sua aprendizagem seria avaliada pela capacidade de memorização. Consideramos que essa forma de ensinar ainda pode ter semelhanças com algumas práticas centralizadas nos fazeres dos professores.

É válido mencionar que historicamente os docentes foram formados para ensinar sem pensar sobre o quê e o porquê se está sendo ensinado e, menos ainda, a se opor ao currículo preestabelecido e a forma como os conteúdos estão impressos nos livros didáticos, assim como ausentes deles. Sabemos que o currículo exprime ideologias que reverberam no campo da formação docente. Por isso, o fato de muitos professores não reconhecerem a docência como uma profissão que se materializa em um contexto político, econômico e sociocultural, pode fazer com que o ensino não seja concebido como experiência de formação crítica. Esse olhar atento é relevante para evitar que a prática docente não seja convertida como mera ação de “dar aula”, “adaptar linguagem”, “reproduzir” ou “transmitir” conhecimentos já editados.

Temos consciência de que o ensino tradicional tem sido alvo de muitas críticas, principalmente quando focaliza o ensino numa perspectiva aportada ao conteúdo e à cognição. Todavia, a formação inicial docente na universidade tem conseguido ultrapassar as barreiras de uma educação pautada na memorização. Em todo caso, vale a ressalva de que, ao analisar os desafios vivenciados pelos docentes iniciantes, logo nos primeiros anos de magistério, a tese de Rodrigo Pessoa (2017) elenca alguns hábitos que esses docentes tendem

a reproduzir, contribuindo para a manutenção de um tipo de ensino pouco referenciado, tais como a:

[...] falta de criticidade, reprodução de comportamentos de professores considerados como um padrão a ser seguido, o que induz os licenciados a ensinarem como foram ensinados, repetindo os mesmos vícios e erros conceituais; predomínio de aulas assentado na transmissão de conhecimentos isentos de contextualização; e carência ou, até, falta de reflexão do professor sobre sua prática cotidiana em sala de aula (Pessoa, 2017, p. 89).

Vem daí a necessidade de as instituições formadoras mobilizarem práticas de formação docente, ancoradas na compreensão do que é ensino, do que é didática, da função social do professor e da escola. Com isso, a formação inicial requer a articulação dos conhecimentos apreendidos pelos licenciandos ao longo das suas trajetórias de escolarização e das suas experiências biográficas advindas do espaço vivido, incorporando-as à formação pedagógica, em diálogo com o contexto político-econômico e sociocultural ao longo do tempo. Os futuros professores carecem, ainda, da compreensão de como trabalhar as diversas abordagens metodológicas, possibilitando-os fugir do tradicionalismo, da mecanização.

Dentre essas abordagens e possibilidades didático-metodológicas no contexto do ensino, elencamos as Histórias em Quadrinhos (HQs) como recurso e processo educativo porque elas constituem um gênero textual de fácil compreensão, acessível e bem-aceitos pelas juventudes. Ademais, nas HQs se elaboram e reelaboram representações sociais, históricas, aspectos físico-naturais e culturais da sociedade onde são criadas, exprimindo ideologias e geografias, por isso elas podem ser analisadas em sala de aula pelos alunos e professores, o que contribui para com a formação de cidadãos éticos, críticos, participativos e reflexivos.

Neste sentido, o objetivo deste artigo é apresentar os resultados de uma experiência de formação docente em Geografia mobilizada com Histórias em Quadrinhos a partir da plataforma *Pixton*, no contexto Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), materializada na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus I. A prática formativa toma como aporte reflexivo e educativo as Histórias em Quadrinhos para a formação de professores de Geografia e suas repercussões na Educação Geográfica.

Enquadramento metodológico

Este estudo se inscreve no campo da pesquisa qualitativa em educação. De acordo com Gatti (2012), as pesquisas que se colocam no âmbito investigativo da educação englobam diversas abordagens metodológicas, dentre elas as quantitativas e qualitativas, comumente vistas de modo hierarquizado. As quantitativas tendem a se vincular a métodos positivistas e estatísticos, quantificar dados e apresentar resultados estatísticos. As qualitativas buscam explicar profundamente os fenômenos educativos, para isso recorrem a instrumentos de coleta de dados como relatos de experiências, observações de práticas, entrevistas estruturadas e narrativas, questionários abertos e fechados, análise de imagens, textos e outras linguagens.

Aportamos a ideia de que, em educação, não há uma abordagem metodológica melhor que a outra, tudo depende do objetivo do pesquisador, de qual é o olhar e ou o tratamento que ele pretende dar ao objeto de estudo. Consoantes a esse entendimento, concordamos com Gatti (2012) quando coloca que ao pesquisador compete entender as limitações e as possibilidades da abordagem por ele escolhida, independente da natureza da pesquisa:

Usando dados de natureza quantitativa ou de natureza qualitativa [...] é necessário que os dados e as análises sejam colocados em contexto, em dadas circunstâncias ou numa conjuntura e não tomá-los em si. Isto é o que nos permite dar sentido, construir significados a partir deles (Gatti, 2012, p. 31).

Isso posto, destacamos que este texto evidencia os resultados de uma oficina no Pibid, voltada à formação docente em Geografia. O Pibid, vinculado à Capes, é uma ação política da formação inicial de professores que tem por objetivo “[...] fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria da qualidade da educação básica pública brasileira” (Capes, s. p., 2013). A prática formativa foi intitulada “Histórias em Quadrinhos na sala de aula e na formação docente: teoria e prática a partir da plataforma *Pixton*”. O objetivo foi reconhecer as possibilidades didático-pedagógicas das HQs para o ensino e Geografia, conforme detalhamento na imagem da figura 1, que é um recorte do planejamento da oficina apresentado aos pibidianos no início da formação.

Figura 1 - Planejamento da oficina HQs na formação docente

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA SALA DE AULA E NA FORMAÇÃO DOCENTE: TEORIA E PRÁTICA A PARTIR DA PLATAFORMA PIXTON		
	TEMA: HQ E GEOGRAFIA	DATA: 14/09/2023
	PÚBLICO: PIBIDIANOS DO CURSO DE GEOGRAFIA DA UFCG (SEDE)	
	CONTEÚDOS: <ul style="list-style-type: none"> • MINHA EXPERIÊNCIA COM HQ'S; • HQ: DEFINIÇÃO; ESTRUTURA; USO NA SALA DE AULA E CONTRIBUIÇÕES À FORMAÇÃO DOCENTE. 	OBJETIVOS: <ul style="list-style-type: none"> • RECONHECER AS POSSIBILIDADES DIDÁTICO/PEDAGÓGICAS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA; • CONHECER, UTILIZAR E CRIAR UMA HQ UTILIZANDO A PLATAFORMA PIXTON.
	PROCESSOS METODOLÓGICOS: <ol style="list-style-type: none"> 1- AULA EXPOSITIVA E DIALOGADA ENVOLVENDO HQ E GEOGRAFIA; 2- TUTORIAL DE USO DA PLATAFORMA PIXTON; 3- CRIAÇÃO DE UMA CHARGE OU TIRINHA GEOGRÁFICA NA PLATAFORMA (ATIVIDADE EM GRUPO); 4- PRODUÇÃO DE UM PLANO DE AULA MOSTRANDO COMO ESSA TIRINHA OU CHARGE PODERIA SER USADA NAS AULAS DE GEOGRAFIA. 	AValiação: <ul style="list-style-type: none"> • CULMINÂNCIA DOS HQS CRIADOS, BEM COMO OS PLANOS DE AULA

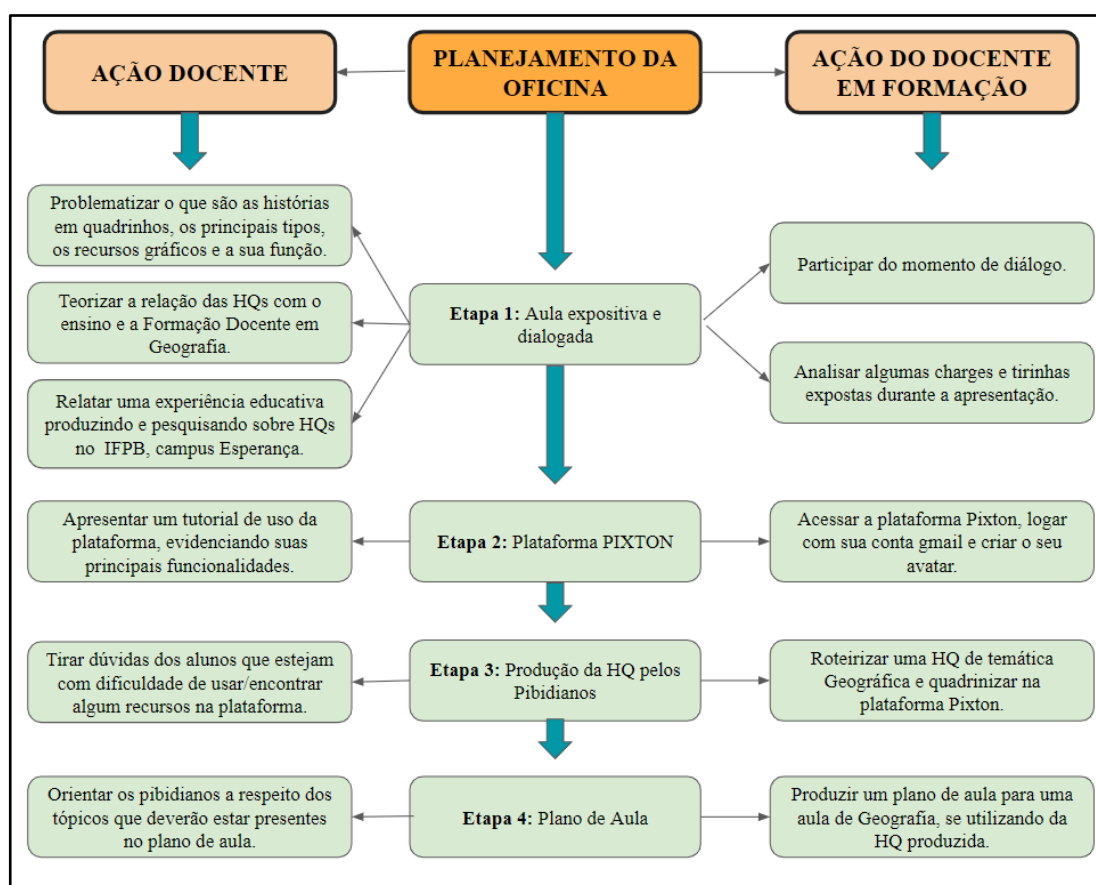
Fonte: Arquivo pessoal dos autores (2023).

Utilizamos as HQs como recurso e processo didático para o planejamento de aulas de Geografia à educação básica. Em termos de reflexões, recorremos a teorizações de autores do

campo da Educação Geográfica e das HQs. Intentamos caracterizar a narrativa quadrinizada para pensar as potencialidades à formação docente e à Educação Geográfica. A partir de então, oportunizamos a decisão docente pelo uso ou não dos quadrinhos em sala de aula, o que caracteriza o processo investigativo como teórico-reflexivo, com participação coletiva.

No que se refere à materialização da oficina, apresentamos um esquema detalhado das ações a serem desenvolvidas junto com os professores em formação, tanto do ponto de vista da perspectiva das HQs como da Educação Geográfica (figura 2).

Figura 2 - Planejamento da oficina HQ na Formação Docente



Fonte: Arquivo pessoal dos autores (2023).

A oficina foi realizada na tarde do dia 14 (quatorze) de setembro de 2023, na UFCG. Teve como público-alvo 20 professores em formação do Pibid do curso de licenciatura em Geografia, Campus Campina Grande. A realização só foi possível por conta do apoio dos professores do ensino superior que coordenam os subprojetos do Pibid e da Residência Pedagógica de Geografia em tal instituição, à medida que cederam espaço para a formação.

De modo geral, o tema circulou entre HQs e ensino de Geografia. Os conteúdos abordados foram: “O que são as HQs?”; “Por que utilizá-las nas aulas de Geografia?”; “O que são representações sociais?”; “Como nos apropriar das representações sociais expressas nos quadrinhos para compor as aulas de Geografia?”; e, finalmente, uma análise prática de como

o negro historicamente foi representado nas HQs e como isso interfere na forma como este sujeito se vê e é visto pelos demais no mundo. Tivemos, ainda, problematizações acerca do contexto histórico das HQs, dos elementos que as compõem, bem como das contribuições que esse gênero textual pode trazer ao ensino de Geografia e à formação docente.

De forma articulada, expusemos nossas aproximações com os quadrinhos na educação ao relatar a participação nos projetos de pesquisa no Instituto Federal da Paraíba (IFPB, Campus Esperança): "Vozes da Subalternidade e Protagonismo juvenil, cenas da geografia da vida em HQs", chamada Interconecta IFPB - Nº 01/2019; e "A Quadrinização da Geografia da vida: Espaços de Vulnerabilidade e Protagonismo juvenil em cena", chamada Interconecta IFPB - Nº 01/2020. A experiência nos oportunizou a fazer análises desse tipo de literatura na prática docente, bem como de produção/confeção de charges e tirinhas, inclusive a elaboração de uma HQ intitulada de Tornar-se Negra (Barros, 2019), que foi publicada pela editora do IFPB.

Destacamos que a oficina foi materializada no tempo presencial de quatro horas, divididas em quatro etapas: 1 – aula expositiva e dialogada sobre HQ, ensino e formação docente em Geografia; 2 – tutorial de uso da plataforma *Pixton*; 3 – produção de uma charge ou tirinha com temática geográfica na plataforma; 4 – elaboração de plano de aula para que os professores em formação pudessem mostrar como iriam utilizar suas produções em uma aula de Geografia. As últimas etapas foram concretizadas individualmente, em duplas ou trios.

No processo de elaboração dos planos de aula, solicitamos que os licenciandos fossem divididos em grupos para planejarem suas práticas de ensino. Alguns se dividiram em duplas e em trios, outros optaram por ficar sós. A divisão se deu pelas afinidades já existentes no contexto das aulas na universidade e da própria dinâmica de funcionamento do Pibid. Para fins deste texto, apresentamos seis planos de aulas elaborados na prática formativa. Cada plano tem início com uma charge, ou uma tirinha, ou uma HQ, elaborada pelos pibidianos para dar base ao planejamento da aula em Geografia com quadrinhos. Como forma de preservação das suas identidades, as identificações do material elaborado/confeccionado na oficina são referenciadas com nomes fictícios, inclusive as produções quadrinistas.

Formação de professores de geografia

À luz da didática: olhares para o ensino e para a multidimensionalidade do fazer docente

Para melhor iniciar a discussão que aqui nos propusemos a realizar, recorreremos inicialmente às discussões de Vera Maria Candau, importante pesquisadora do campo da formação de professores, didática e interculturalidade. Todavia, antes de trazer suas principais contribuições e reflexões à tona, consideramos pertinente resgatar algumas definições que foram cunhadas ao longo da história relativas ao que seria a didática.

Masetto (1997, p. 12) relata que na Grécia antiga a didática significava “ensinar, instruir, fazer aprender”, e menciona que, mais tarde, em 1633, um influente educador *tcheco* chamado Comênio a definiu como “a arte de ensinar tudo a todos”. Posteriormente, outras

designações foram sendo feitas, compreendendo-a como “a técnica de orientar a aprendizagem de outros indivíduos” (minidicionário Aurélio); uma espécie de “receita para o bom ensino” ou ainda, “um conjunto de conhecimentos sobre a técnica de ensinar”.

Essas definições se assemelham, aproximam-se e convergem. Em todas elas o processo de ensino-aprendizagem e o trabalho docente são vistos de forma unidimensional, apenas como uma técnica. É como se o professor fosse capaz de repassar ou transmitir o conhecimento de forma integral para o aluno, que seria como um receptáculo de informações. Todavia, essas definições não reconhecem os estudantes como sujeitos históricos, geograficamente situados, tampouco levam em consideração que cada indivíduo interioriza o mundo de um modo particular; que o seu repertório biográfico é consoante com as dimensões socioculturais e com os estímulos recebidos e apropriados no decurso da vida.

Ao refletirmos sobre o contexto da didática e o trato com a profissão docente, destacamos o seguinte aspecto:

A profissão já não é a transmissão de um conhecimento acadêmico ou a transformação do conhecimento comum do aluno em conhecimento acadêmico, a docência exerce outras funções, tais como: “motivação, luta contra a exclusão social, participação, animação de grupos, relações com estruturas sociais, com a comunidade... E é claro, que tudo isso requer uma nova formação: inicial e permanente (Imbernón, 2011, p. 14).

Por esse ponto de vista, Candau (2012) faz sinalizações sobre a necessidade de superarmos a didática exclusivamente instrumental, que toma forma por meio da prática pedagógica. Ela direciona suas discussões para que possamos caminhar rumo à construção de uma didática fundamental, contextualizada e referenciada. O que é possível quando explicitamos os pressupostos de visão de homem, de mundo, de sociedade, de aluno, de escola, de educação, e dialogarmos com os conhecimentos prévios decorrentes do cotidiano social dos alunos, enquanto conjunto de ações geradas por uma estrutura geográfica, política, social econômica e culturalmente organizada, que dão significados aos sujeitos.

A autora reconhece que o processo ensino-aprendizagem é atravessado não por uma, mas por três dimensões: a técnica, a humana e a político-social. A dimensão técnica envolve os objetivos, métodos de ensino, os conteúdos, as formas de avaliação e planejamento do curso e/ou disciplina. A dimensão humana abarca o relacionamento entre alunos, professores, direção e demais sujeitos que compõem o ambiente escolar; a escola é, neste contexto, um local privilegiado no qual imprimem-se as afetividades que, quando negativadas, atrapalham a aprendizagem do aluno e, quando positivadas, impregnadas de confiança e segurança, refletem no seu desenvolvimento crítico, intelectual, psíquico, pessoal e cidadão. E a dimensão político-social, à medida que a escola não está fechada em si mesma, pois ela recebe influências externas, está subordinada às legislações educacionais, segue diretrizes e orientações idealizadas por atores que possuem e defendem posições políticas bem definidas.

Essas proposições políticas, de uma forma ou de outra, chegam nos currículos e livros didáticos, orientando o tipo de sujeito e de sociedade que pretendem formar. Com isso, concordamos com Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p. 343) quando afirmam que:

O livro didático deveria configurar-se de modo que o professor pudesse tê-lo como instrumento auxiliar de sua reflexão geográfica com seus alunos, mas existem fatores limitantes para tal. O Brasil é um país de grande extensão territorial constituído por realidades e culturas muito diferentes que os conteúdos do livro didático não têm condições de abarcar. Daí vem a necessidade de um professor bem formado, que saiba relacionar os conteúdos e as imagens do livro didático com as diferentes linguagens disponíveis e com o cotidiano de seus alunos, tornando a sala de aula um lugar de diálogo e de confronto de ideias diferenciadas.

O que acontece, na prática, é que o livro didático se inscreve como o principal instrumento de trabalho do professor. Fato que pode ser explicado se levarmos em consideração as complexas condições de trabalho da profissão docente, cujas escolas são tantas vezes precarizadas, ausentes de recursos, com alunos desestimulados, oriundos de espaços geográficos desiguais. Atrelado a isso, professores com baixos salários, com salas de aulas superlotadas e com jornadas duplas de trabalho. Todavia, exige-se a mobilização de educação de qualidade, atribuindo ao professor a noção de fracasso escolar. Ou seja, à luz de de Charlot (2012, p. 98): “[...] a contradição entra na escola e desestabiliza a função docente.”

Se a formação inicial docente não for bem articulada e referenciada, a prática de ensino na educação básica se torna deficitária, frágil e pautada em inseguranças, pois ao adentrar no cotidiano escolar, o professor iniciante poderá reproduzir modelos tomados como tradicionais de ensino. Modelos que estão incrustados na cultura escolar e nos fazeres de alguns professores de carreira, à medida que se “[...] têm práticas tradicionais porque a escola é organizada para tais práticas e, ainda, que seja indiretamente, impõe-nas.” (Charlot, 2012, p. 109); o autor continua: “o professor é rotulado como tradicional, ainda, quando utiliza os mesmos métodos pedagógicos dos professores das gerações anteriores” (p. 111).

No contexto das licenciaturas, é corriqueiro que durante as disciplinas de estágio supervisionado o licenciando tenha contato com a sala de aula e perceba a necessidade de dominar as metodologias necessárias para o ensino de alguns conteúdos geográficos. Muitas vezes isso não acontece por conta de que a grade curricular do curso geralmente não conta com muitas disciplinas de caráter pedagógico e, quando conta, existe uma falta de articulação entre elas e as de natureza específicas da disciplina. Nesse caso, quando o professor assumir a docência, poderá até dominar os conteúdos específicos de sua ciência, como a Geografia, entretanto, corre-se o risco de não conseguir mobilizar estratégias exitosas para promoção da Educação Geográfica com os estudantes em sala de aula, no ato de ensinar Geografia.

Logo, depreendemos que não é só saber Geografia o que nos torna professores, isso é mais um dos pilares da nossa profissão, que é multifacetada, plural e diversa. Além do mais, no exercício da docência o professor mobiliza saberes e fazeres adquiridos em tempos e espaços múltiplos que perpassam a formação acadêmica. Para Barros (2023a, p. 68):

[...] É na dimensão espaço-tempo da universidade, da história de vida e do cotidiano social e escolar que os repertórios formativos se convergem e vão amalgamando a definição do tornar-se professor, sinalizando os primeiros contornos da profissionalidade. [...] É com esse tempo e nesse espaço, ou nesse tempo-espaço, que o docente entrelaça fios de saberes e se constitui como ser profissional da Geografia.

Por essa linha de compreensão, no que concerne à identidade, Pimenta (2005) aponta a existência de diferentes saberes docentes, como os derivados da experiência e os pedagógicos. Os saberes da experiência, por exemplo, são os primeiros a se desenvolver e partem da experiência individual enquanto alunos, haja vista que desde cedo a figura do professor se faz presente no cotidiano escolar. Os estudantes insistem em querer diferenciar “bons professores” de “maus professores”, à revelia da formação, competência, compromisso e objetivos que dimensionam a profissão docente, geralmente se utilizando de critérios como o tipo de didática, a postura de segurança no exercício da profissão, a demonstração de domínio do conteúdo, a relação com a turma, assim como as representatividades sociais dentro de uma exigência de popularidade decorrente da cultura de multimeios.

Sendo assim, quando decidimos enveredar pela carreira do magistério, começamos a refletir sobre qual professor queremos ser, baseando-nos nos repertórios de características que foram sendo construídos e acumulados ao longo da vida, por meio da experiência escolar. O que explica a nossa tendência de nos primeiros anos de exercício da profissão imitarmos ou evitarmos algumas práticas de ensino, comportamentos e estratégias adotadas por professores que tivemos. Diante de tal envergadura, Lima (2006, p. 9) aponta que o início na carreira “é uma fase tão importante quanto difícil na constituição da carreira de professor.”

No começo da carreira, “os saberes docentes constituem-se como uma combinação de referências formativas que contemplam diferentes situações de aprendizagens” (Barros, 2023a, p. 250). Para o autor, os saberes dos professores iniciantes são “geo(bio)circulares” (p. 252), ao contornarem outros movimentos decorrentes da “formação acadêmica, das “experiências formativas”, da “prática de ensino”, do “currículo”, do “cotidiano”, das “histórias de vida” e da “comunicação digital”, conforme podemos observar na representação da figura a seguir, que está dimensionada a partir de contornos e sinalizações de movimentos que atravessam elementos da vida, da formação e da profissão, convergindo-se em tessituras que fazem a composição dos saberes e fazeres docentes em Geografia.

Figura 3 - Verbete sobre os saberes do professor de Geografia em início de carreira



Fonte: Barros (2023a, p. 252).

Mediante o exposto, compreendemos que tanto os cursos de formação inicial quanto os professores de profissão precisam reavaliar seus planos de ensino de forma contínua, assim como desenvolverem momentos formativos que vão em direção, inclusive, do conhecimento pedagógico do conteúdo, possibilitando outros olhares sobre o aprender e ensinar Geografia (Shulman, 2015). Em todo caso, entendemos que é de profícua relevância que os professores em formação tenham o interesse em aprender sobre as ciências da educação e da didática; em querer se formar para além de conhecimentos específicos da ciência geográfica. É só a partir da afirmação e do firmamento da licenciatura que a formação docente pode ser exitosa, inclusive com possibilidades de aderir linguagens no processo formativo do professor e suas repercussões no modo de ensino que pretendem mobilizar na educação básica.

Salientamos que tomamos as HQs como uma das alternativas possíveis para contornar quaisquer perspectivas de ensino mnemônico. Por isso, reiteramos que é de fundamental importância que na formação inicial os licenciandos tenham a oportunidade de trabalhar com diversas linguagens e gêneros textuais, literários, artísticos, musicais, jornalísticos, midiáticos, cinematográficos e até mesmo teatral. A Educação Geográfica atravessa a dimensão descritiva do livro didático e das paisagens. Tornar-se professor de Geografia requer estudos, planejamento, compromisso e abertura para novas formas de ler, perceber, conceber e interpretar o mundo por, entre e através das múltiplas linguagens, como a dos quadrinhos.

As histórias em quadrinhos na educação geográfica

Desde os períodos mais remotos da humanidade o ser humano já se utilizava de pinturas gravadas no interior das cavernas para se comunicar. Elas eram produzidas a partir do sangue de animais, argila ou pigmentos de planta e ficaram conhecidas como pinturas rupestres. Geralmente retratavam aspectos da vida cotidiana, como caças bem-sucedidas e acontecimentos marcantes que vivenciavam em suas andanças. Ao nos reportar aos dias atuais, percebemos que não mudou muita coisa, pois antes de aprender a escrever, as crianças ainda se utilizam de uma linguagem parecida para se comunicar, o desenho (Vergueiro, 2022).

Com o passar do tempo, a humanidade foi alcançando novos processos de desenvolvimento (biológico e intelectual), outros tipos de escrita foram surgindo, como o próprio hieróglifo, código de escrita simbólica que necessitava de imagens do objeto, animal ou coisa que se pretendia representar para poder ser decodificada. Posteriormente, com o advento da abstração, surge o alfabeto fonético que utilizamos até hoje. Este, constituiu um avanço significativo, haja vista que agora não é mais necessário haver imagens para entender o que o código representa, assim, as possibilidades de mensagens tornaram-se infinitas, inclusive como elemento que atravessa todo o contexto formativo escolar.

Mas não podemos esquecer que a educação nunca foi um direito para todos, apenas uma elite tinha acesso, em vista disso, a imagem, enquanto código, manteve-se sobretudo para as classes sociais menos favorecidas. Por isso concordamos com Vergueiro (2022, p. 8) quando destaca que “as Histórias em Quadrinhos vão ao encontro das necessidades do ser

humano, na medida em que utilizam fartamente um elemento de comunicação que esteve presente na história da humanidade desde os primórdios: a imagem gráfica”.

A definição inicial que trazemos para o gênero textual Histórias em Quadrinhos é a de Eisner (1995, p. 38): “[...] um veículo de expressão criativa, uma disciplina, uma forma artística e literária que lida com disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia [...] é arte sequencial”. Ao nos aprofundar um pouco mais no conceito e concepção, pensamos as HQs como narrativas contadas através de quadros ilustrados, em que o diálogo é feito de maneira direta e na linguagem informal, apresentando tanto a linguagem verbal quanto a não verbal. Em muitos casos, elas podem conter apenas o desenho e mesmo assim conseguir comunicar a mensagem que se propõe.

Pode-se ainda, existir quadrinhos que não contam com delimitação física de quadros e mesmo assim a leitura e a compreensão não ficam comprometidas. Tudo isso faz parte da liberdade criativa do quadrinista. O uso de cenários, balões de falas, de pensamentos, de gritos, personagens, onomatopeias, expressões faciais e corporais também integram esse gênero. Além disso, as HQs configuram como narrativas de textos e imagens que “[...] contam histórias ficcionais que podem repercutir feitos históricos, sociais e geográficos, culturais e simbólicos de uma dada conjuntura espaço-temporal.” (Barros, 2023b, p. 125).

Cabe mencionar que os quadrinhos se popularizaram ao longo do século XX, com a evolução da indústria tipográfica e a expansão das cadeias jornalísticas, que possibilitaram sua difusão em massa, tendo como cerne os Estados Unidos da América. No decorrer do tempo, tiveram diversas funções, podendo ser utilizados meramente para entreter os leitores, disseminar ideologias, fazer críticas e denúncias a respeito de assuntos como saúde, educação, política, meio ambiente e problemas sociais diversos, tais como pobreza, criminalidade, violência, desigualdade, dentre outros. Nesse sentido, concordamos com a seguinte definição:

As histórias em quadrinhos são uma forma de comunicação e de expressão, típicas da indústria cultural, constituindo-se como narrativas visuais que seduzem os leitores com enredos que abarcam uma multiplicidade de temáticas e enfoques ligados a questão sociológicas, filosóficas, históricas, políticas, ambientais e geográficas, sem patrulhamentos (Barros; Oliveira, 2020, p. 143).

Por muito tempo os quadrinhos foram alvo de diversas críticas infligidas, sobretudo, pela comunidade escolar. As HQs eram vistas como inimigas do ensino e do aprendizado, um instrumento responsável por corromper e alienar as mentes, dado o seu caráter lúdico e potencialmente imaginativo. Dessa forma: “tinha-se como certo que sua leitura afastava as crianças de “objetivos mais nobres” – como o conhecimento do “mundo dos livros” e o estudo de “assuntos sérios” –, que causavam prejuízos ao rendimento escolar [...] (Vergueiro, 2022, p. 16). O autor destaca, ainda, que o uso dos quadrinhos no contexto do ensino “[...] poderia, inclusive, gerar consequências ainda mais aterradoras, como o embotamento do raciocínio lógico, a dificuldade para apreensão de ideias abstratas e o mergulho em um ambiente imaginativo prejudicial ao relacionamento social e afetivo de seus leitores.” (p. 16).

Foi em decorrência dos aspectos dos quadrinhos no âmbito educacional que surgiu o *comics code*, um selo que era posto na capa das HQs, cujos conteúdos eram tidos como

aceitáveis, que poderiam ser vendidos e lidos. Essa política limitou o teor imaginativo das narrativas, empobrecendo-as, muitas editoras desapareceram e o conteúdo pouco contribuiu para o crescimento intelectual do leitor, conforme aponta Vergueiro (2020).

No entanto, no decorrer dos tempos se percebeu e se identificou as potencialidades que os quadrinhos têm a oferecer para o processo de ensino-aprendizagem. Notou-se que além dos enredos, a própria estrutura, ao fazer a junção do texto com a imagem, pode facilitar a apreensão de conceitos variados, de um modo que qualquer um dos códigos em isolado talvez não conseguisse. Além disso, é um gênero textual que os alunos desde muito cedo têm contato, logo, não apresenta resistência quando levados para a prática formativa escolar.

Como potencialidade educativa, soma-se ainda o fato de as HQs aumentarem a motivação e curiosidade dos estudantes para se apropriarem de conteúdos que abordados em sala de aula, além da possibilidade de desenvolvimento da capacidade criativa e da abstração e raciocínio lógico, uma vez que o leitor tem que imaginar situações que não foram representadas na história. Os quadrinhos também possibilitam a expansão do vocabulário de palavras e favorecem as habilidades de comunicação, fala, leitura e escrita dos leitores. Ademais, ao contarem com temáticas diversificadas, que não precisam de um conhecimento anterior do aluno, verifica-se que os estudantes aprendem na mesma medida em que leem.

Na esfera do ensino de Geografia, interpretamos que as HQs têm uma relação muito próxima com a realidade geográfica, dado que ambas trabalham com a cartografia de fenômenos, com a apreensão de paisagens que grafam as metamorfoses do espaço; elas desenham modos de vida, apreendem cotidianidades, mesclam múltiplas linguagens como encenações para que o leitor decodifique e analise as informações dispostas nos enredos. A HQ também pode ser uma representação e redução da realidade, similarmente ao mapa. Portanto, destacamos que “a leitura de imagens é uma das principais habilidades a ser desenvolvida no ensino de Geografia e a leitura de quadrinhos é um instrumento que pode ajudar a desenvolvê-la, assim como as noções cartográficas” (Barros; Oliveira, 2020, p. 142). Logo, consideramos pertinente a observação de que:

Há alguns anos, o ensino de Geografia passou por um processo de renovação, que resgatou a importância da leitura de mundo a partir da leitura da paisagem, a qual é entendida como o aspecto visível do espaço geográfico. Nesse sentido, as histórias em quadrinhos tornam-se bastante oportunas, já que trabalham com o texto e a imagem ao mesmo tempo, além de darem conta da dimensão temporal e espacial (Rama, 2022, P.87).

Não podemos esquecer que os quadrinhos se constituem como produção cultural. O que implica que os enredos, os personagens, os fenômenos e os espaços representados não são neutros. Tudo possui intencionalidade. A cada período histórico, criam-se e (re)criam-se imagens-paisagens para cada sujeito social e geográfico, enquanto representações geográficas que moldam o nosso modo de ser e influenciam a forma como nos vemos e nos colocamos no mundo. Sendo assim, as HQs podem contribuir para a manutenção ou a quebra de preconceitos e estereótipos socialmente construídos. Portanto, concebemos como profícuo

espaço para problematização de questões políticas, econômicas e socioculturais, bem como uma abordagem didático-metodológica para o campo da formação docente em Geografia.

Formação docente em geografia: HQs na plataforma *Pixton*

A prática formativa com os quadrinhos teve início com a apresentação do planejamento da oficina, dividida em quatro momentos: aula expositiva dialogada, tutoria do uso da plataforma digital *Pixton*, criação/confeção e charge elaboração de plano de aula. No início das discussões, abordamos questões diversas que poderiam ser correlacionadas pedagogicamente com o ensino de Geografia. Os integrantes do Pibid puderam refletir sobre o papel das HQs no contexto do ensino de Geografia, da formação docente e da didática, além de conhecer e utilizar uma Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) de criação de quadrinhos chamada *Pixton*, à medida que “a internet vem provocando uma revolução na forma como se produz e consome histórias em quadrinhos” (Luiz, 2013, p. 7).

A plataforma *Pixton* se inscreve como tecnologia digital que possibilita o processo de produção de HQs de forma *on-line*. É uma ferramenta simples, de fácil manuseio, sem a necessidade de uma compreensão em programação. Ao permitir que professores e alunos criem quadrinhos interativos, ela promove a expressão criativa e a aprendizagem visual. Essa tecnologia digital se destaca por sua simplicidade e facilidade de uso, o que a torna uma aliada no processo de ensino, permitindo que se explore uma narrativa visual de maneira intuitiva e eficaz, enriquecendo o aprendizado de forma prática e envolvente.

Ao fazer uso da plataforma *Pixton*, os professores em formação puderam criar/confeccionar charges, tirinhas e HQ. A partir das produções, pedimos para que elaborassem um plano de aula, para duas aulas de Geografia, com explicações sobre como poderiam ser utilizadas no contexto da Educação Geográfica para os sujeitos escolares. Logo abaixo, é possível visualizar os resultados dessa oficina: os planos de aulas elaborados pelos pibidianos, iniciados com uma produção no *Pixton* confeccionada por eles mesmos. Para fins ilustrativos, iniciemos com a figura 4, que exibe uma charge sobre o “Genocídio negro na favela”, seguido pelo seu respectivo plano de aula elaborado pela mesma dupla de pibidianos.

Plano de Aula 1

Figura 4 - Charge – Genocídio negro na favela



Fonte: Pibidianos José e Bianca (2023).

A partir da charge, o plano de aula para o ensino de Geografia foi o seguinte:

Quadro 1 - Plano de aula – Genocídio negro nas favelas

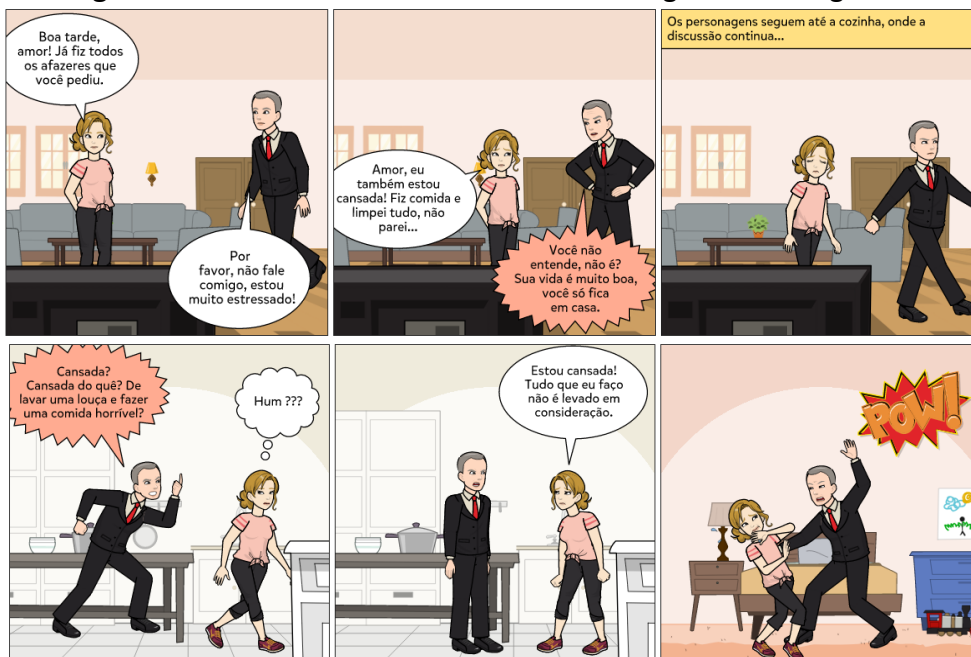
PLANO DE AULA I	
Tema: Genocídio negro nas favelas brasileiras.	Público-alvo: 3º Ano do ensino médio.
Conteúdos abordados: Preconceito Racial; Segregação Socioespacial e Genocídio negro.	
Objetivos: Compreender como ocorre a segregação socioespacial no Brasil; refletir sobre o que é considerado paz e para quem ela existe; desmistificar a ideia que na favela só existe crime e criminosos, onde todos podem ser corrompidos e entrar para o crime; questionar sobre quem são os criminosos que atuam na favela.	
Metodologia: Após a amostra da charge produzida, dar início ao debate com os alunos sobre o que ela representa e, a partir disso, discutir sobre os moradores da favela, o crime na favela, os preconceitos que sofrem os favelados, e o papel do Estado nesse genocídio que acontece, elucidando principalmente que os mortos são mais que dados de assassinatos, são acima de tudo vidas!	Avaliação: Participação no momento de diálogo, por meio de falas apresentando vivências pessoais ou repertórios que viram na TV ou em outros meios de comunicação e que se relacionam com o tema.

Fonte: Pibidianos José e Bianca (2023).

Outra HQ produzida a partir da oficina teve como tema a violência e a desigualdade de gênero, conforme podemos visualizar na figura 5, do próximo plano de aula.

Plano de Aula 2

Figura 5 - Tirinha – Violência doméstica e desigualdade de gênero



Fonte: Pibidianos Valério e Giovanna (2023).

A partir da produção acima, segue o plano de aula da dupla de pibidianos:

Quadro 2 - Plano de aula – As várias faces da violência

PLANO DE AULA II	
Tema: As várias faces da violência.	Público-alvo: Educação de Jovens e Adultos - EJA.
Conteúdos abordados: Desigualdade e violência de Gênero.	
Objetivos: Compreender como a desigualdade de gênero pode gerar conflitos entre as relações no espaço vivido dos alunos(as); interpretar textos e dados acerca da violência sofrida por mulheres no Brasil; identificar os tipos de violências sofridas pelos diversos corpos femininos, tais como a psicológica, patrimonial, verbal, física, entre muitas outras.	
Metodologia: Roda de diálogo com os (as) discentes sobre essas desigualdades e violências dentro dos espaços em que estão inseridos, sobretudo no ambiente doméstico, além de uma discussão fundamentada em dados e em uma música, visando problematizar o fato de não haver muitas mulheres em posições de poder. Como recursos didáticos utilizaremos a música “Atitude feminina”, de Rosas; Imagens e dados sobre violência contra mulher no nosso país.	
Avaliação: Participação na aula; produção de narrativas em quadrinhos (charges/tirinhas) sobre a temática supracitada e apresentação dela aos colegas.	

Fonte: Pibidianos Valério e Giovanna (2023).

Outra HQ produzida pelos participantes teve como cenário principal a escola pública e a questão do acesso à educação (figura 6).

Plano de Aula 3

Figura 6 - Tirinha – Escola pública para todos: realidade ou utopia?



Fonte: Pibidianos Jonathan e Luna (2023).

Baseados na tirinha acima, os professores em formação produziram a seguinte proposta:

Quadro 3 - Plano de aula – Escola pública para todos: realidade ou utopia?

PLANO DE AULA III	
Tema: Escola pública para todos: realidade ou utopia?	Público-alvo: estudantes do 9º ano.
Conteúdos abordados: Desigualdade social; Falta de infraestrutura nas escolas públicas e o contexto do neoliberalismo.	
Objetivos: Desenvolver a habilidade da análise crítica com os estudantes a partir da linguagem quadrinizada; criar uma tirinha com temática geográfica livre.	
Metodologia: Aula expositiva e dialogada com o auxílio da tirinha que fizemos na oficina.	Avaliação: Presença e participação na aula e no momento de discussão; Qualidade da tirinha produzida pelos alunos.

Fonte: Pibidianos Jonathan e Luna (2023).

Como podemos perceber, as temáticas geográficas presentes nas HQs são muito diversas, inclusive a próxima (figura 7), que versa sobre migração e xenofobia.

Plano de Aula 4

Figura 7 - Tirinha – Migração e xenofobia



Fonte: Pibidiano Fabrício (2023).

O plano de aula que recorreu a essa tirinha está ilustrado abaixo:

Quadro 4 - Plano de aula – Êxodo rural ou migração forçada

PLANO DE AULA IV	
Tema: Êxodo Rural ou migração forçada.	Público-alvo: 1º ano do ensino médio.
Conteúdos abordados: Migração, Revolução Verde e Preconceito.	
Objetivos: Analisar os aspectos políticos, sociais ou culturais responsáveis pela migração de pessoas do campo para a cidade; problematizar a questão da xenofobia.	
Metodologia: Aula expositiva e dialogada com a utilização de quadrinhos sobre migração, inclusive a que produzimos.	Avaliação: Debate sobre as problemáticas abordadas. Em grupo os alunos deverão escolher uma das HQs vistas na aula e escrever uma breve análise.

Fonte: Pibidiano Fabrício (2023).

Também tivemos produções relacionadas ao estudo do clima (figura 8).

Plano de Aula 5

Figura 8 - Tinha – Fenômeno climático inversão térmica



Fonte: Pibidiano Danilo (2023).

Ancorado na tirinha, o professor em formação produziu um plano de aula, a saber:

Quadro 5 - Plano de aula V – Inversão térmica

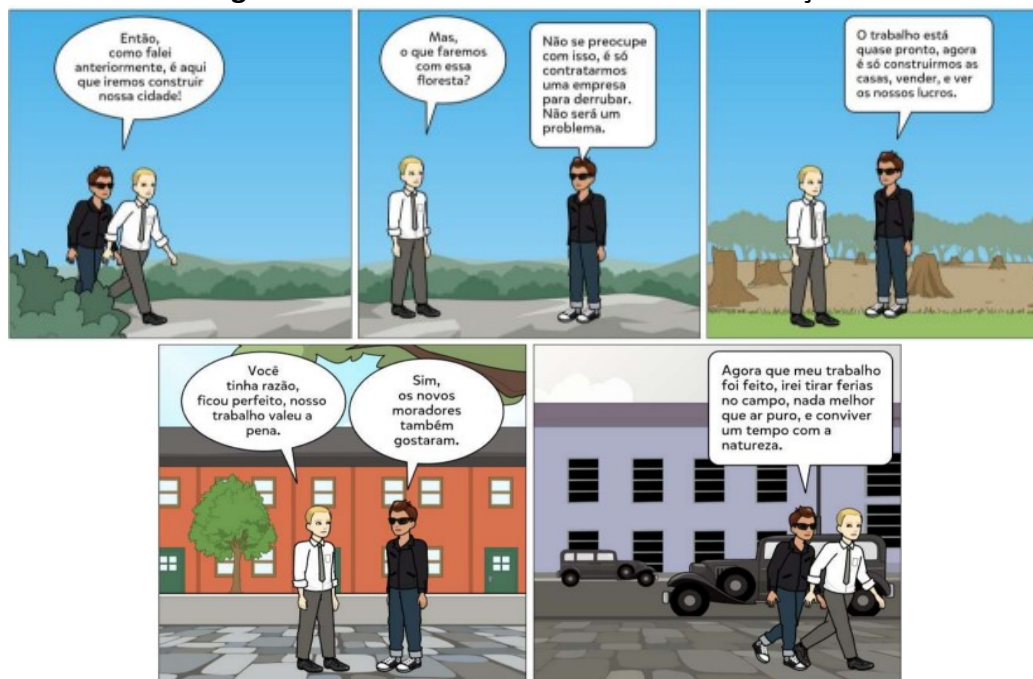
PLANO DE AULA V	
Tema: Inversão térmica.	Público-alvo: Alunos de 6º ano.
Conteúdos abordados: Inversão térmica; Microclimas (ilhas de calor) nas grandes cidades;	
Objetivos: Conhecer o fenômeno de inversão térmica; analisar a relação clima e sociedade.	
Metodologia: Aula expositiva e dialogada, com utilização de quadrinhos.	Avaliação: Os alunos devem buscar casos reais de inversão térmica em sua cidade de origem ou em outras de grande porte, que sofram com esses fenômenos, visando perceber como isso afeta a qualidade do ar e a saúde das pessoas. A partir disso, em folha A4 deverão criar uma ou mais cenas (em quadrinhos) para representar a inversão térmica e seus impactos.

Fonte: Pibidiano Danilo (2023).

O tema do desmatamento e urbanização também não ficou de fora, como podemos visualizar com a tirinha da figura 9.

Plano de Aula 6

Figura 9 - Tirinha – Desmatamento e urbanização



Fonte: Pibidiana Evelyn (2023).

A tirinha deu base para um plano de aula sobre desmatamentos em grandes áreas, como podemos observar a seguir:

Quadro 6 - Plano de aula VI – O desmatamento em grandes áreas

PLANO DE AULA VI	
Tema: O desmatamento em grandes áreas.	Público-alvo: 6º ano.
Conteúdos abordados: O desmatamento e a urbanização acelerada.	
Objetivos: Problematizar o desmatamento recorrente para a urbanização, abordando as consequências desse processo e o que podemos fazer para mitigá-las (construir cidades mais verdes e bem planejadas).	
Metodologia: Aula expositiva dialogada com a utilizaremos HQ; Roda de conversa para conversarmos sobre como ocorrem os desmatamentos, quais os motivos e as consequências e possibilidades.	Avaliação: Como avaliação irei pedir para os alunos realizem uma pesquisa e faça um resumo dos resultados encontrados.

Fonte: Pibidiana Evelyn (2023).

Mediante os quadrinhos confeccionados e os planos de aula elaborados, é possível afirmar que a oficina em muito contribuiu com a formação docente em Geografia, à medida que os professores em formação puderam entender o processo de criação de uma HQ, reconhecer o significado expressos por meio dos diversos elementos gráficos e, assim, planejar aulas de modo situado geograficamente para uma formação escolar com significado social. Além disso, as propostas de práticas conceberam-se de forma atrativa, lúdica, crítica, assentadas numa dimensão geográfica referenciada em conteúdos sistematizados.

Os pibidianos elaboraram seus planos de aula para os estudantes do Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), o que evidenciou a versatilidade das HQs na Educação Geográfica em diferentes etapas da educação escolar. Os conteúdos geográficos escolhidos circularam por temáticas variadas, tanto do ponto de vista dos aspectos físico-naturais, quanto pelas vias dos aspectos socioeconômicos, ambos aportados à crítica socioespacial. Esse modo de perceber e conceber a Geografia sinaliza a composição da apropriação de saberes geográficos necessários à prática docente, afinal “a tarefa de ensinar Geografia exige que o professor domine, simultaneamente e integradamente, seus temas e conteúdos, sua significância social, seu sentido pedagógico e as formas mais adequadas de, em um determinado contexto, representá-los aos alunos” (Lopes, 2016, p. 35).

No que concerne às produções no *Pixton*, todas as HQs foram diversificadas. Os professores em formação reconheceram vozes de muitos sujeitos sociais silenciados na Geografia e historiografia oficial do Brasil, bem como das diversas temáticas que compõem a Geografia estudada e ensinada nas escolas, no contexto da educação básica. Quatro propostas de aula focalizaram um viés mais humano da Geografia, enquanto dois planos abordaram os aspectos físico-naturais e suas interfaces com as ações humanas. Ou seja, os pibidianos lançaram um olhar atento à relação sociedade-natureza no processo de elaboração do conhecimento geográfico. À medida que os quadrinhos foram correlacionados com os planos de aula, a concepção ensino também entrou em cena: aulas expositivas e dialogadas, rodas de diálogo e debates, tanto que as propostas descentralizam o processo de ensino da figura do professor e colocam o foco na aprendizagem dos alunos, a partir dos quadrinhos.

No processo de elaboração dos planos de aula, o uso das HQs abriu possibilidade para os pibidianos pensarem a docência a partir da articulação geográfica com outras linguagens, como a da TV e da música. No que se refere ao aspecto da avaliação, alicerçaram-se na participação dos alunos nos debates, na análise de quadrinhos e na produção do conteúdo geográfico pela confecção de HQs. Assim, os quadrinhos foram tomados tanto como processo quanto produto educativo, como meio de pensar pela Geografia. Tal modo de conceber o ensino entra em confluência com os dizeres de Charlot (2013, p. 14): “Ensinar é, ao mesmo tempo, mobilizar a atividade dos alunos para que construam saberes e transmitir-lhes um patrimônio de saberes sistematizados legado pelas gerações anteriores de seres humanos.”

De modo geral, a experiência mobilizada no contexto da formação de professores de Geografia abordou um modo de planejar o ensino por um viés mais aberto, expansivo, articulado com a realidade socioespacial dos estudantes. Configurou-se, ainda, como uma formação criativa, reflexiva, referenciada e situada para inscrever a Educação Geográfica.

Considerações finais

A partir das leituras realizadas, foi possível perceber que ainda existe distanciamento entre academia e escola, bem como o afastamento da teoria e da prática geográfica escolar na formação inicial dos professores. Isso tem feito com que o processo de ensino-aprendizagem se torne deficitário e até mesmo empobrecedor, à medida que alguns futuros professores acabam não vivenciando momentos formativos que os possibilitem a utilização de abordagens metodológicas diversas para ensinar Geografia. Portanto, situar e contextualizar a formação docente com diversas linguagens abre potencialidades de reconhecimento da docência como uma atividade profissionalizada, que reconhece os alunos como sujeitos sócio-históricos.

Os profissionais responsáveis pela formação inicial docente têm buscado viabilizar momentos que aproximem a escola da academia e também que permitam aos futuros professores desenvolver o conhecimento pedagógico do conteúdo. Até porque sem formação adequada, os docentes iniciantes tendem a reproduzir comportamentos e as práticas pedagógicas cristalizadas em suas experiências enquanto alunos. Para tanto, a oficina mobilizada foi justamente para contribuir com a ampliação de repertórios formativos dos professores de Geografia. A partir da prática orientada, foi possível verificar que as HQs são um gênero textual que tem potencialidade de integração à formação inicial dos futuros docentes, dadas as possibilidades de uso e de trabalho que elas nos proporcionam.

A prática formativa com HQs na formação inicial de professores foi exitosa e crítica, à medida que os pibidianos puderam confeccionar no *Pixton* os próprios quadrinhos, bem como elaborar planos de aula para o ensino de Geografia, mediante as diversas proposições geográficas como imagem-paisagem, temporalidade, escala e narrativa que as HQs apresentam. Nesse sentido, tanto as HQs elaboradas quanto os planos de aulas colocaram em evidência vozes de diversos sujeitos que foram silenciados no decurso das narrativas que

fazem, grafam e marcam a história e a Geografia do Brasil, tais como o lugar do negro, do migrante, da mulher, do pobre e do indígena na sociedade. Foi um misto de abordagens de temáticas diversas, passando das questões étnico-raciais e circulando pelas configurações que dimensionam a relação sociedade-natureza, assim como a apropriação dos recursos naturais pelo capital e o neoliberalismo enquanto gerador de exclusão.

Os professores em formação utilizaram os quadrinhos de uma maneira diferente. Alguns pibidianos planejaram a prática geográfica escolar com HQs enquanto produto, ou seja, o fazer docente mobiliza o conteúdo geográfico e, em seguida, o professor faz a solicitação de uma HQ como forma de avaliação, com narrativas criadas pelos próprios alunos, em folha de papel A4. Outros pibidianos tomaram as HQs como processo, como forma de iniciar uma discussão/debate pelas e com as HQs, mediante a riqueza dos enredos, das imagens e das narrativas, visando aprofundar um conceito e, finalmente, solicitar que os estudantes tecessem análises e críticas acerca da representação de algum tema estudado em aula, sendo que os próprios estudantes que escolheriam os quadrinhos para análise.

Ao integrarem narrativas envolventes, cores, imagens e contextos diversificados, os quadrinhos desempenharam relevante papel no processo de formação inicial de professores de Geografia, com viés didático-pedagógico de ludicidade, criatividade, dinamismo e criticidade. Além disso, as histórias quadrinizadas exprimem uma multiplicidade de conteúdos que podem ser correlacionados à Educação Geográfica. Consideramos, portanto, que as HQs se constituem como recurso, produto e/ou processo de profícua potencialidade para a formação docente em Geografia. De modo planejado didaticamente, o uso dos quadrinhos dá abertura para outros horizontes compreensivos do mundo e outras possibilidades formativas.

Referências

BARROS, J. S. **Saberes de Professores de Geografia**: histórias de vida, formação e docência. Curitiba: Editora CRV, 2023a.

BARROS, J. S. Os quadrinhos na pesquisa em Geografia: experiências no Ensino Médio Integrado. *In*: BARROS, J. S.; DUARTE, L. M. S. **Histórias em Quadrinhos na Educação**: abordagens interdisciplinares. Curitiba: Editora CRV, 2023, p. 125-138

BARROS, J. S.; OLIVEIRA, L. M. S. D. A cartografia escolar no universo dos quadrinhos de super heróis: possibilidades em educação geográfica. *In*: ARAGÃO, W. A. (org.). **Cartografia Escolar**: múltiplos olhares, diversas linguagens. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2020. p. 141-158.

BARROS, J. S. de. **Tornar-Se Negra**. João Pessoa: Editora IFPB. 2019. Disponível em: <http://editora.ifpb.edu.br/index.php/ifpb/catalog/book/240>. Acesso em: 20 jan. 2024.

BITTENCOURT, C. M. F. O que é disciplina escolar. *In*: BITTENCOURT, C. M. F. (org.). **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2011. p. 33-55.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – Capes. **Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. Portaria Nº 096/ 2013 do Ministério da Educação. **Diário Oficial da União, Edição 140, seção 1**. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/30798135/do1-2013-07-23-portaria-n-96-de-18-de-julho-de-2013-30798127.

CANDAU, V. M. A revisão da didática. In: CANDAU, V. M. (org.). **Rumo a uma nova didática**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012. p. 13-19.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

EISNER, W. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GATTI, Bernadete Angelina. A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, Goiânia, v. 28, n. 1, p. 13-34, jan.-abr. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rbpaee/article/view/36066>. Acesso em: 20 jan. 2024.

LOPES, C. S. O trabalho pedagógico do professor de Geografia e seus saberes. In: PORTUGAL, J. F.; OLIVEIRA, S. S.; RIBEIRO, S. L. (orgs.). **Formação e Docência em Geografia**: narrativas, saberes e práticas. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 21-40.

LUIZ, L. Introdução. In: LUIZ, L. **Os quadrinhos na era digital**: HQtrônicas, webcomics e cultura participativa. Nova Iguaçu: Marsupial, 2013. p. 7-8.

MASETTO, M. T. Buscando o significado da didática. In: MASETTO, M. T. (org.). **Didática**: a aula como centro. São Paulo: FTD, 1997. p. 12-16.

PESSOA, R. B. **Professores de geografia em início de carreira**: olhares sobre a formação acadêmica e o exercício profissional. João Pessoa-PB. Universidade Federal da Paraíba, 2017. p. 369. Tese de Doutorado em Geografia. Linha: Educação Geográfica.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: Identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2005, p. 104-123.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2011.

RAMA, Â. Os quadrinhos no ensino de Geografia. In: RAMA, Â.; VERGUEIRO, W.; BARBOSA, A.; RAMOS, P.; VILELA, T. (orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2022, p. 87-104.

SHULMAN, L. S. **Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma. Cadernos Cenpec| Nova série**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 196-229, dez. 2014. Disponível em: <https://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/download/293/297>. Acesso em: 20 jan. 2024.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no Ensino. *In*: RAMA, Â.; VERGUEIRO, W.; BARBOSA, A.; RAMOS, P.; VILELA, T. (orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2022. p. 7-29.